

SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES EM ELIAS: A NARRATIVA DE UM CONFLITO

SOCIOLOGY OF PROFESSIONS IN ELIAS: THE NARRATIVE OF A CONFLICT

SOCIOLOGÍA DE LAS PROFESIONES EN ELÍAS: LA NARRATIVA DE UN CONFLICTO

Ruth Barbosa Araújo Ribeiro¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6529-7982>

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Brasil

e-mail: ruthribeiro@servidor.uepb.edu.br

Resumo

O presente artigo vem refletir sobre os conflitos e as interdependências que contribuem para o surgimento das profissões. Para tanto, tomamos por base a obra *Escritos e Ensaios* (2006), especificamente o cap. 3 referente “*A gênese da profissão naval*”, no qual Norbert Elias analisa os conflitos e as interdependências geradas em alto-mar pelas personagens Drake e Doughty. De modo que as relações entre essas duas personagens e a necessidade social da função da profissão naval naquela embarcação, foram alguns dos motivos que contribuíram para o desencadeamento desta profissão supracitada. Dessa maneira, a reflexão aqui apresentada, nos fez compreender não apenas o desenvolvimento dessa função, mas também entender o processo de constituição de outras profissões que surgiram ou desapareceram no decorrer do processo civilizador. De acordo com Norbert Elias (2006), para que uma profissão se estabeleça, é preciso ser demandada por uma comunidade e depois, que passa a existir, pode permanecer em sociedade, independentemente, de quem primeiro a exerceu. Isso significa que nem todas as profissões são permanentes, algumas delas podem desaparecer, pois apenas existirá enquanto houver necessidade social de que ela exista.

Palavras chaves: Profissão; Interdependências; Conflitos.

Abstract

This article reflects on the conflicts and interdependencies that contribute to the emergence of professions. To this end, we have taken as our basis the work *Writings and Essays* (2006), specifically chapter 3 on "The genesis of the naval profession", in which Norbert Elias analyzes the conflicts and interdependencies generated on the high seas by the characters Drake and Doughty. The relationship between these two characters and the social need for the naval profession on that ship were some of the reasons that contributed to the creation of this profession. In this way, the reflection presented here has enabled us to understand not only the development of this function, but also the process of constitution of other professions that emerged or disappeared during the civilizing process. According to Norbert Elias (2006), for a profession to become established, it needs to be demanded by a community and once it comes into existence, it can remain in society, regardless of who first practiced it. This means that not all professions are permanent, some of them may disappear, as they will only exist as long as there is a social need for them to exist.

Keywords: Profession; Interdependencies; Conflicts.

Resumen

O presente artigo vem refletir sobre os conflitos e as interdependências que contribuem para o surgimento das profissões. Para tanto, tomamos por base a obra *Escritos e Ensaios* (2006), especificamente o cap. 3 referente “*A gênese da profissão naval*”, no qual Norbert Elias analisa os conflitos e as interdependências geradas em alto-mar pelas personagens Drake e Doughty. Así que las relaciones entre estos dos personajes y la necesidad social del papel de la profesión naval en aquel buque fueron algunos de los motivos que contribuyeron al lanzamiento de esta mencionada profesión. De esta manera, la reflexión aquí presentada nos hizo comprender no sólo el desarrollo de esta función, sino también comprender el proceso de constitución de otras profesiones que

¹ Doutora, Mestre e Especialista em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Educação Infantil, Neurociência e Aprendizagem pela Universidade Cândido Mendes-RJ. Atua como professora da Graduação e Pós-Graduação na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

surgieron o desaparecieron durante el proceso civilizador. Según Norbert Elias (2006), para que una profesión se establezca debe ser demandada por una comunidad y luego, una vez creada, puede permanecer en la sociedad, independientemente de quién la haya ejercido por primera vez. Esto significa que no todas las profesiones son permanentes, algunas de ellas pueden desaparecer, ya que sólo existirán mientras exista una necesidad social de que existan.

Palabras clave: Profesión; Interdependencias; Conflictos.

1. INTRODUÇÃO

As sociedades passadas ou a sociedade das quais agora somos participantes sempre estiveram/estão imersas entre as mais variadas profissões. No processo de constituição e reconstituição da Sociologia das Profissões, algumas delas ainda seguem conosco, outras foram modificadas em função das necessidades sociais. Outras, pela não necessidade, acabam por desaparecer.

Norbert Elias (2006) na obra *Escritos e ensaios*, em seu capítulo 3 *Estudos da gênese da profissão naval*, apresenta a constituição dessa profissão em um processo histórico de longa duração, usando para tanto, a relação de interdependência de Francis Drake e Thomas Doughty, dois amigos elizabetanos, que embarcaram no mesmo navio, aparentemente com os mesmos objetivos: “encontrar regiões ricas no Pacífico Sul, tomar posse das terras desconhecidas (*terra australis*) e conquistar o opulento butim dos espanhóis” (Elias, p. 2006, p. 71).

A amizade de Drake e Doughty teve início na Irlanda, em uma expedição que Drake fez naquela região. Por meio do afeto construído entre eles, os dois passaram a planejar outras viagens maiores, a exemplo do desbravamento do Pacífico Sul. É importante destacar que, como muitos outros indivíduos, eles nasceram e foram criados em condições sociais diferentes. Doughty havia tido uma educação primorosa, para viver na Corte; por conta do título de nobre e das boas relações que fizera, assumia, nesse espaço, funções privilegiadas. Prova disso está na narrativa de Elias (2006) – após seu retorno a Londres, Doughty foi nomeado secretário de Hatton, um dos homens preferidos da Rainha, e, posteriormente, Hatton o nomeia capitão da Guarda do Palácio

Já Francis Drake foi criado navegando em alto-mar. E mesmo com os bens que possuía, adquirido por meios das Grandes Navegações, não tinha educação formal nem a etiqueta que a Corte Inglesa exigia.

Em um determinado período, os dois embarcaram no mesmo navio, em direção ao Pacífico Sul. Naqueles tempos, grandes navegações proporcionavam também grandes investimentos entre as nações, por se caracterizarem como projetos de expansão marítima, de modo que tanto a rainha como toda a aristocracia – a exemplo dos *gentlemen* e dos próprios Drake e Doughty – investiram nessas conquistas em alto-mar. Investimento que, em função da “etiqueta” social, não era declarado abertamente pela Coroa Inglesa.

Elias (2006) afirma que, nessa viagem, Drake e Doughty partiram como amigos, mas em um breve espaço de tempo, se tornaram inimigos, a amizade que os unia rapidamente foi devastada por suas posições sociais e conflitos de comandos junto à tripulação. Em alto-mar, os dois amigos passaram a vivenciar grandes conflitos. Reiteramos: em alto-mar, porque os conflitos entre os cidadãos em terra firmem não eram algo comum, já que a Corte Inglesa de certa maneira, em defesa dos princípios civilizatórios, estabelecia o controle sobre as relações sociais. O fato é que os conflitos entre os dois, até então amigos, aumentaram quando se encontraram distantes das rédeas da civilização, ou seja, dos padrões impostos pela nobre sociedade inglesa. É nesse conflito que se vai constituído a profissão naval a qual objetivamos compreender a partir do que propõe Norbert Elias no livro: *Escritos e Ensaios* (2006).

Para tal reflexão o referido artigo está organizado da seguinte maneira: na Seção 2 é descrito o método da pesquisa; na Seção 3 são apresentados os resultados e discussões; e na Seção 4 são apresentadas algumas conclusões.

2. MÉTODO DA PESQUISA

Trazemos como método de pesquisa a investigação sob a ótica dos Processos Sociais, realizada por Elias e Scotson (2000) em uma comunidade industrial no interior da Inglaterra a qual se encontra na obra "Os Estabelecidos e os *Outsiders*".² Nessa investigação, os autores usaram como método de análise a teoria figuracional que, segundo Elias (2000):

A análise e a sinopse das figurações – são parte integrante de muitas pesquisas sociológicas. Desempenham um papel, por exemplo, na construção de modelos de grande e pequena escala-modelos de burocracias e de vilarejos de sistemas de relações de força e de famílias; encontram-se por toda parte, na criação, desenvolvimento e revisão de hipótese e teoria sociológica (Elias, 2000, p. 56-57).

O método figuracional usado por Norbert Elias e Scotson norteou o entendimento de que os motivos os quais levavam à divisão entre os dois grupos – Estabelecidos e os *Outsiders* – foram muito além dos fatores econômicos, como poderia perceber qualquer outra investigação sociológica que não estivesse direcionada a análise figuracional, ou seja, que não apresentasse a análise sob a ótica das interdependências entre os indivíduos, compreendendo que cada época em sua historicidade e que cada sociedade específica promoverão um tipo de figuração diferenciada. Assim, ao propor o modelo de análise figuracional, Elias (2005) esclarece que, por esses modelos, é possível:

[...] deixarmos de encarar os seres humanos, incluindo nós próprios, como unidades totalmente autônomas, passando então a percebê-los como unidades semiautônomas, precisando uma(sic) das outras, dependentes uma(sic) das outras e ligadas umas às outras de modos muitos diversos (Elias 2005, p.193).

Para Norbert Elias (2005) um dos maiores modelos de figurações, entre os humanos, se encontra constituída entre a própria sociedade (global) a qual forma uma grande figuração e, posteriormente, suas partes (pequenos grupos) que constroem figurações menores. Essas figurações estão pautadas no decorrer do tempo, nos fazendo compreender que as sociedades atuais estão interligadas às sociedades passadas, já que, quanto mais complexas as sociedades se tornam, mais interdependências elas constituem. Dessa maneira, a pesquisa sobre o aspecto dos processos sociais não pode perder de vista essas interdependências e as organizações sociais que também foram constituídas inseparáveis ao processo civilizador.

Desse modo, a análise na perspectiva dos Processos é um tipo de investigação sociológica, ela se baseia em explicitar as mudanças sociais de longo prazo e principalmente de desenvolvimento.

Nessa esteira, o texto que segue trata sobre esses aspectos, nos conduzindo a uma reflexão sobre a justaposição na perspectiva eliasiana ao compreender o desenvolvimento das profissões não sobre o aspecto de causa e consequência, mas em um processo de interdependência entre os indivíduos e suas necessidades sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O debate que Norbert Elias faz sobre a gênese da profissão naval mostra seu amplo interesse sobre o estudo dessa temática. Assim, compreendemos que estaria aqui o filósofo numa inquietude para entender as figurações que são articuladas ao desenvolvimento das profissões.

² “Os estabelecidos e outsiders” é denominado o título de uma obra de Norbert Elias. Essa obra traz uma reflexão sobre a relação de poder ocorrida entre dois grupos: “*Os Estabelecidos e outsiders*”, em uma comunidade inglesa no final dos anos de 1950.

Ainda, no estudo sobre a gênese da profissão, Elias não busca apenas analisar um grupo de indivíduos, em determinada época, que tenham vivenciado determinadas funções e relações, mas também busca compreender como se deram essas relações e essas funções em um processo de longa duração. É nessa conjuntura que o autor vai delineando as interdependências entre as personagens, intermediada por “fios condutores” que contribuíram no desenvolvimento da profissão de Oficial Naval.

Assim, segundo Norbert Elias (2006), Francis Drake criado em meio às navegações, tinha bastante conhecimento prático, mas não tinha trato social. Não tinha o conhecimento da nobreza, da Corte, o conhecimento intelectual, o livresco. O mesmo não se dava na vida cotidiana do seu amigo Doughty, que: “incorporava um tipo de oficial que naqueles dias era relativamente novo, não só capaz de fazer a guerra, (sic) como também dono de uma erudição relativamente vasta [...]” (Elias, 2006, p.71), características assaz importantes para boas realizações comerciais.

Essas diferenças já eram suficientes para gerar conflitos entre eles, mesmos elementos que caracterizavam Doughty um *gentlemen* de nascença, cordial, experiente nas relações diplomáticas, sabendo resolver com muita eloquência os conflitos entre os tripulantes, moderando atitudes de forma civilizada não lhe serviam na prática da navegação. Naquele local, a diplomacia não era suficiente para conter crises como falta de alimentos, tempestades, doenças, elaboração de procedimento de segurança, entre outras. Para sua tristeza, o que prevalecia em alto-mar era basicamente o saber técnico, a habilidade para sobreviver às intempéries que assolavam a todos, plebeus e nobres, sem distinção.

Nas épocas passadas, em uma sociedade de Corte, era comum se deixar clara a posição social que cada indivíduo ocupava. E nas embarcações isso não era diferente. Drake e Doughty sabiam a distância que os separava, motivada pela posição social de um e pela competência técnica do outro. E essa percepção sobre as diferenças, pela função que cada um tinha nas figurações que ocupavam em meio à navegação, acentuou ainda mais os conflitos entre eles.

O fato é que os dois se tornaram concorrentes entre si, porque, além de se reconhecerem, um como “estabelecido” e outro como “outsider,” também se distanciaram pela função que cada um ocupou no navio. Desse modo, sendo um marujo e outro militar, cada um apresentava suas competências, movidos pela competitividade, inclusive na maneira de agir com a tripulação. Envolvidos com seus próprios sentimentos e tentando superar um ao outro, a eles estava faltando clareza, direcionamentos e liderança sobre as práticas junto à equipe a bordo. Essa falta de percepção sobre as atribuições de cada um segundo sua função foi percebida pela própria tripulação que, por muitas vezes, não sabia a que comando deveria prestar obediência. E ainda, o investimento financeiro feito pelos dois, agora inimigos, os direcionou a interesses diferentes, os quais também se manifestavam em relações de poder. Poder de comando permeado por conflitos, situação que desestruturou toda a tripulação.

Elias (2006) nos diz que, no decurso daquela época, não havia na língua popular uma definição clara sobre a função que Drake assumia na embarcação, pois era a primeira vez que ele comandava um navio junto a outro líder e com uma população tão híbrida – além dos marinheiros, encontravam-se, a bordo, soldados e alguns *gentlemen* financiadores da viagem. Em situação rotineira, a maioria das caravanas que Drake gerenciava era formada apenas de grupos de marinheiros, o que explica a cena a seguir:

Alguns o chamavam, ou à sua nau capitânia do "almirante" sic, outros de capitão-general ou simplesmente general, utilizando, portanto, ora um termo que se referia especificamente a beligerâncias navais, ora um termo normalmente utilizado para oficiais que comandavam um exército terrestre (Elias, 2006, p. 74).

Norbert Elias (2006) afirma que essa “confusão” de termos é muito característica de um estágio inicial quando as profissões ainda se encontram em desenvolvimento. Assim, certos desajustes

ou conflitos fazem parte do processo de constituição de uma profissão, fato muito nítido na narrativa apresentada por ele no surgimento da profissão naval. Os conflitos existentes ou as soluções encontradas para estes não estão, no entanto, centrados apenas nas soluções por parte de quem está desempenhando a função em um determinado momento da história, mas também na demanda de outros interesses individuais e coletivos na constituição social. Elias afirma que "às vezes as mudanças nas constituições sociais favorecem o ajustamento; outras vezes, retardam-no ou impedem" (Elias, 2006, p. 90). Isso significa que nem todas as profissões são permanentes, algumas delas, podem desaparecer, pois apenas existirá enquanto houver necessidade social de que ela exista.

Além dessa problemática sobre função, Drake enfrentava, na embarcação, outra dificuldade que também o incomodava: a não centralização do comando. *Gentlemen* financiadores da expedição muito divergiam de suas ideias, o que deixava Drake "pisando em ovos" sobre qualquer solicitação que fizesse. Nessa "balança de poder" atravessada por uma vasta divisão social, Elias (2006) descreve que, por ter sido Drake nomeado pela própria Rainha para estar também líder da expedição, isso lhe conferia um certo convencimento de que seria realmente ele a tomar as decisões mais importantes naquela embarcação. Tal nomeação o fazia considerar-se superior a Doughty. Embora este último tivesse nascido e fosse criado em meio às navegações, o que lhe promovia melhor conhecimento técnico do manejo do navio e ainda apresentasse uma melhor liderança com os marinheiros, de modo algum poderia influenciar o grupo a contestar o espaço cuja liderança foi determinada a Drake pela própria monarca inglesa.

Percebemos que as interrelações estabelecidas naquela embarcação, em especial, entre os dois líderes, não eram das melhores, pois nem Doughty se dobrava aos comandos de Drake nem muito menos Drake aos comandos de Doughty. Além do mais, para o grupo *gentlemen*, mesmo que Drake, por alguns momentos imaginasse pertencer aos dois grupos, dada sua condição financeira, ele não tinha a destreza discursiva, ou seja, a eloquência necessária para convencer a tripulação a obedecer a suas ordens. Desse modo:

Os conflitos de Drake com Doughty foi apenas um de uma longa série. Drake percebia suficientemente que as tensões a bordo ocorriam entre dois grupos de seres humanos. Mas tanto quanto se pode saber, deve ter tido a sensação de que pertencia a ambos os grupos, e considerava sua briga com seu amigo Doughty como um assunto pessoal, como um conflito com outro indivíduo qualquer (Elias 2006, p.79-80).

Reiteramos que, de acordo com a teoria eliasiana, nenhuma situação social é planejada ou determinada por nenhum indivíduo em particular. Sendo assim, as interrelações tecidas no interior da embarcação rumo ao Pacífico Sul se davam como a metáfora do jogo de cartas, representado por Norbert Elias na obra *Introdução à Sociologia* (2005). As figurações ali construídas foram frutos de estratégias de "jogadores" respectivamente em suas posições sociais com manifestações de poder, em um determinado lugar, em um determinado tempo, em uma determinada época. "O decurso do jogo é relativamente autônomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos têm aproximadamente a mesma força (Elias, 2005, p.73).

Observamos que, mesmo Drake por alguns momentos assumindo identidade de outsider, em relação aos *gentlemen*, ele também buscava um lugar de destaque, construindo estratégias de saídas, impondo-se e apresentando, através de soluções técnicas, a importância da sua função para aquela tripulação. Seus atos retrataram que a prática desenvolvida era necessária, era importante e talvez muito mais importante do que um discurso eloquente para realizar boas negociações estrangeiras. Da mesma maneira, Doughty encarregado do comando militar, com vasto conhecimento científico somado a uma educação nobre, usava estratégias argumentativas para realizar grandes negociações e acordos marítimos, apresentando que sua função na embarcação era muito mais que necessária.

Assim, cada um deles construía figurações que lhes direcionavam a soluções individuais ou coletivas, junto aos seus "companheiros de jogo". E a cada figuração formada, novas cartas eram

lançadas. E a cada carta lançada, um novo entrelaçamento flexível em tensões e conflitos era construído. Sobre isto, Elias (2005, p.73) afirma que: “A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma independência de aliados ou de adversários”.

Desse modo, mesmo que não haja um planejamento nítido, concreto, nas relações interpessoais, acreditamos que há hipóteses entre os indivíduos de como se darão os desfechos de certos conflitos. Como, entretanto, as soluções não dependem de um único indivíduo ou de instituições em particular, as relações, ao se estabelecerem, podem promover resultados diferentes daqueles que foram hipoteticamente pensados pelos grupos. Sendo assim:

[...] as experiências e as relações reais existentes entre Drake e Doughty, assim como outros episódios semelhantes na longa luta entre oficiais-marinheiros e oficiais-*gentleman*, podem ser considerados como um modelo em pequena escala da situação em que se encontravam os seres humanos e dos problemas com os quais se confrontam quando o quadro institucional de suas funções profissionais ainda mal havia se desenvolvido (Elias, 2006, p. 76).

Neste sentido, ao se analisar o desenvolvimento de qualquer profissão, se faz necessário um olhar peculiar sobre as relações e as necessidades sociais em um aspecto processual, com o fito de se compreender o contexto social, político e econômico que promoveu determinadas funções junto à humanidade. Elias (2006) afirma que:

Profissões despojadas de suas roupagens, (sic) são funções sociais especializadas que as pessoas desempenham em resposta às necessidades especializadas de outras; são(sic) ao menos em sua forma mais desenvolvida(sic) conjuntos especializados de relações humanas (Elias, 2006, p. 89).

O que vemos hoje não é exatamente o que se dera ontem. Os próprios símbolos linguísticos mudam e se ressignificam de acordo com as interdependências de sociedades específicas. O próprio símbolo linguístico de oficial naval modificou-se ao longo dos séculos. Como o próprio Elias (2006) afirma: naquela época, não havia uma linguagem uniforme para caracterizar a função que os dois líderes desenvolviam e essa não linguagem comum junto a “falhas e soluções”, caracteriza o desenvolvimento de uma profissão. Desenvolvimento que depende da “[...] situação de mudança de uma comunidade inteira que cria condições para o surgimento de uma nova ocupação” (Elias, 2006, p. 89).

Sobre isso, Elias nos diz que:

[...] Quaisquer que sejam suas causas imediatas, elas criam dificuldades específicas, produzem atritos e conflitos, confrontam cada membro de uma profissão com problemas que não são por ele criados. No entanto, (sic) quando ele exerce uma profissão, esses problemas institucionais tornam-se seus próprios problemas, essas dificuldades suas próprias dificuldades, esses conflitos seus próprios conflitos. E as soluções não estão inteiramente em suas mãos (Elias, 2006, p. 90).

Assim, as funções são constituídas em um aspecto processual. Os conflitos gerados no desenvolvimento dessas funções, mesmo que não tenham sido provocados por um indivíduo em particular, a exemplo de quem exerce a função, suscitam “teias de interdependências” vinculadas por estratégias de resoluções que podem colaborar no reconhecimento de uma determinada profissão. “As teias de interdependência” não se originam apenas de um indivíduo ou instituição em particular, mas de uma série de interesses individuais ou coletivos que podem ressaltar a necessidade de determinada função na sociedade.

Sobre isso, Elias afirma que:

Descobertas científicas, invenções e o surgimento de novas necessidades humanas e de meios especializados para satisfazê-las são indubitavelmente fatores que contribuem para o desenvolvimento de uma profissão. Mas, (sic) nem as novas descobertas são por si só, sua fonte, elas dependem uma das outras para seu desenvolvimento (Elias, 2006, p. 89).

Dessa maneira, Elias reitera que as interdependências entre os grupos são um fator primordial para o desenvolvimento das profissões. São muito mais do que atos individuais. Trata-se da multiplicidade de interesses coletivos. Nessa perspectiva, compreender o desenvolvimento das profissões sobre a ótica eliasiana é compreendê-la em processo de longa duração, intermediado de relações e interesses individuais ou coletivos, como resultados de embates, de conflitos de diferentes interesses que podem ser a favor ou contra sua recepção e manutenção, conflitos que incentivam sua evolução ou a retraem, que fazem surgir ou desaparecer as mais variadas profissões.

4. CONCLUSÃO

Ao tratar sobre o desenvolvimento das profissões, Elias descreve esse ato em um movimento relacional inserido numa construção social, porém não apenas com expressões de vontades individuais, mas ainda na interdependência que constitui todo um contexto e seus interesses, sejam eles individuais ou coletivos. Sob tal viés, não podemos compreender as mudanças sociais de maneira estática, como se dessem a partir do hoje. Muito pelo contrário, é preciso pensar as organizações presentes sob a perspectiva de uma vasta teia de relações entre indivíduo e sociedade. Relações que, por sua vez, não se deram de maneira linear e contínua, mas atropetadas por conflitos, inquietações e formas de poder aneladas ao processo civilizador, em meio as “soluções” construídas paulatinamente, o que constitui a plena mutabilidade de novas figurações profissionais.

REFERÊNCIAS

- Elias, N. (2006). Escrito e ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N., & Scotson, J. (2000). Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2005). Introdução à Sociologia. Lisboa Edições – 70. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.